

“Só radicais temem Sarney”

RIO
AGÊNCIA ESTADO

“Só temem José Sarney na Presidência da República, na impossibilidade de o presidente eleito Tancredo Neves assumir o cargo, os aproveitadores e os radicais, aqueles que pensam no seu interesse próprio, e não no interesse do País” — disse ao Estado o ex-ministro da Marinha, almirante Maximiano da Fonseca. Em sua opinião, só aqueles que não levam em consideração o projeto de transição política pacífica e a própria consolidação da Nova República é que podem criar obstáculos para que o projeto político da Aliança Democrática seja executado por Sarney.

“E esse projeto prevê que a Constituinte, a ser eleita em 1986, é que vai definir a duração do mandato do presidente da República. Querer mudar esse princípio, adotado sob a inspiração de Tancredo Neves, é pretender tumultuar” — acrescentou o ex-ministro da Marinha.

Para o almirante, “os que temem José Sarney na Presidência são aqueles que pretendem se aproveitar da situação, que tentam tirar proveito próprio de um problema que emocionou o País, e que não levam em conta a estabilidade do Brasil”.

O ex-ministro reconheceu que há naturais cuidados éticos do vice-presidente no exercício da Presidência que só contribuem — segundo ele

— para manter ainda mais a dignidade do cargo. Maximiano deu ênfase ao fato de “Sarney contar com todo o apoio institucional, inclusive o obviamente assegurado pelas Forças Armadas, das quais é comandante supremo, para que exerça o cargo em toda a sua plenitude”.

As palavras do almirante, segundo assessores do primeiro escalão militar, refletem inteiramente a posição dos ministros militares, o da Marinha, almirante Henrique Sabóia; o do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves; e o da Aeronáutica, Octávio Moreira Lima. Os ministros das três instituições militares e o ministro-chefe das Forças Armadas (EMFA), almirante José Maria do Amaral Oliveira, resumem sua posição na determinação comum de respeitar o que está escrito na Constituição. Segundo altas fontes militares de Brasília e do Rio, o único motivo que pode impedir Sarney de exercer efetivamente o cargo é o ético, considerando-se que o presidente eleito está no hospital.

Um oficial-general de Brasília, que esteve no Rio esta semana, concordou com seu colega de quartel — general do Exército — que admitiu que Sarney só não tomou algumas medidas mais rapidamente, como a execução do plano de emergência contra a fome e o desemprego, porque o projeto foi examinado basicamente pelo presidente eleito Tancre-

do Neves e os membros da Comissão para o Plano de Governo (Copag).

O empresário Sérgio Quintela, que participou das reuniões da Copag, reconheceu que o acesso ao Plano de Emergência ficou restrito aos membros da comissão e ao próprio Tancredo Neves.

Todos os oficiais-generais ouvidos na área militar, que servem no Rio, São Paulo e Brasília, foram unânimes em reconhecer que se José Sarney não exerceu até agora o poder na sua plenitude, isso não ocorreu nas decisões mais relevantes e deveu-se não à falta de comando e de senso de autoridade, mas sim por naturais escrúpulos.

Um general do Exército, que serve em Brasília, lembrou as decisões tomadas por Sarney como governador do Maranhão, durante o governo Costa e Silva. Segundo ele, o então governador assumiu atitudes firmes, mesmo diante de algumas demonstrações de má vontade do Palácio do Planalto para a execução de projetos de interesse do Maranhão.

A defesa mais veemente e a primeira da manutenção do projeto do presidente Tancredo Neves e da Aliança Democrática, em quaisquer circunstâncias, foi feita pelo ministro da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, mas logo conquistou um verdadeiro consenso no meio militar.

Ao comentar a orientação que estava dando — quando solicitada a

seus companheiros do Exército — um oficial-general disse, esta semana, que afirma a cada um que o projeto político do presidente eleito é o único que assegura uma alternância de poder em clima pacífico e de tranquilidade. Ele destacou que se no passado os radicais da área militar temiam o acesso da oposição ao poder, a partir da Aliança Democrática passaram a encarar esta possibilidade com realismo.

Já o almirante da reserva Múcio Piragibe de Bakker reconheceu que a manutenção do projeto político da Aliança Democrática pode consolidar a despolitização das Forças Armadas, com o apoio dos atuais ministros militares.

“Só podem temer José Sarney na Presidência aqueles que estão voltados para a instabilidade, tentando tirar proveito dela, e esses não são só antidemocratas, mas também anti-patriotas” — disse o almirante Múcio Piragibe.

O ex-ministro do Exército, general Fernando Belfort Bethlem, disse que tem confiança na possibilidade de haver um entendimento em torno do projeto de transição pacífica do presidente eleito Tancredo Neves. “Ele já é um grande símbolo de democracia e de pacificação, e não teria sentido deixar de colocar esse símbolo vivo, independente do próprio presidente eleito, em segundo plano.”

Hélio Contreiras

Até comunistas dão apoio quase unânime

RIO
AGÊNCIA ESTADO

O ainda proscrito Partido Comunista Brasileiro não é dos que têm medo de José Sarney. Um de seus principais dirigentes, Hércules Corrêa, afirma: “Apolamos o vice-presidente para substituir o presidente e vamos apoiá-lo na sucessão de agora”.

Hércules Corrêa acredita que toda a sociedade, após manifestar quase unanimidade ao apoiar a investidura de Sarney e o respeito às normas constitucionais, está certa de que é chegado o momento de o novo governo começar. “José Sarney deve perder a perplexidade e até a apatia e começar logo a preencher seu governo. Ele certamente terá apoio dos partidos, dos políticos e de toda a sociedade civil.”

Corrêa disse ainda que está apenas esperando a situação se definir para, juntamente com toda a direção do PCB, pedir uma audiência ao presidente da República. “Vamos agir exatamente da mesma maneira que fizemos com Tancredo, que nos receberia no Palácio do Planalto no dia

28 de março — a data já estava até marcada — se não tivesse ficado impedido.”

Hércules Corrêa garantiu que o PCB vai continuar apoiando a solução constitucional e que está disposto a dar toda a sua colaboração ao governo de Sarney.

Essa posição é quase a mesma do PMDB fluminense que, no entanto, apesar do apoio decidido a Sarney, ainda tem graves problemas internos, com grande divisão entre suas várias facções, agravada agora pelos interesses fisiológicos conflitantes entre a Executiva, a bancada federal e a bancada estadual.

Já Moreira Franco, virtual candidato do partido à sucessão de Brizola, disse que a Aliança Democrática, no governo Sarney, tem apenas de cumprir todos os compromissos que assumiu durante a campanha de Tancredo Neves. Ele é de opinião que o partido deve dar todo o apoio ao governo e criar condições de pleitear o cumprimento total dos compromissos assumidos, que são, na verdade, os compromissos de Tancredo Neves.